

O SONHO DE EDUARDO MONDLANE PARA O POVO DE MOÇAMBIQUE¹

Janet Rae Mondlane

(Fundação Eduardo Chivambo Mondlane, Maputo)

A celebração do 50º Aniversário do Programa de Estudos Africanos da Universidade do Northwestern, é verdadeiramente uma feliz oportunidade para eu voltar a este campus onde batalhei pelos meus estudos como “undergraduate”², enquanto trabalhava numa das cantinas³ para ganhar a vida. Desta vez trago comigo a mais jovem dos meus filhos com Eduardo, Nyeleti, para que ela possa ver onde os seus pais “queimaram as pestanas”⁴ e viram florescer as suas esperanças.

Sempre me foi difícil falar sobre Eduardo Mondlane perante um grupo de pessoas. Ele foi o meu melhor amigo mas também, e uma vez que era consideravelmente mais velho do que eu quando nos conhecemos, era, por assim dizer, como se tivesse sido o meu educador. Quando falo sobre ele, faço sempre um esforço para medir o que digo. É uma forma de evitar a severidade crítica do pensamento das outras pessoas. O livro que estou a escrever sobre Eduardo reflecte esta hesitação, uma

¹ Este texto, ao qual foi atribuído o título de “O Sonho de Eduardo Mondlane para o povo de Moçambique”, é uma tradução livre do discurso proferido por Janet Rae Mondlane, a 28 de Outubro de 1998, em Evanston, Illinois (EUA) na Universidade de Northwestern, por ocasião das comemorações do 50º aniversário do Programa de Estudos Africanos, onde foi homenageada a destacada figura de Eduardo Mondlane.

As notas de pé de página são da responsabilidade da editora do artigo, Teresa Cruz e Silva, e a tradução foi feita por Maria de Lurdes Torcato.

² No sistema de Educação Superior em Moçambique corresponde a estudos de bacharelato e licenciatura.

³ Cantina universitária.

⁴ Janet e Eduardo Mondlane foram estudantes naquela Universidade.

vez que a minha matéria-prima é constituída por milhares de páginas das suas cartas pessoais. Deste modo, o que domina é sempre o eco da sua voz. Muitos amigos e professores da Northwestern estão presentes nalgumas destas páginas, uma vez que a universidade acabou por se tornar uma parte de nós tal como nós éramos parte dela. É por causa deste processo de assimilação que eu quero aqui recordar-vos Eduardo, um antigo estudante famoso de uma instituição famosa.

Deixámos os Estados Unidos para ir para Moçambique, via Tanganica, há 36 anos. Por essa razão gostaríamos de poder partilhar convosco a experiência do nosso país e do seu povo. Mas a não ser que estejamos lá, é difícil visualizar o Moçambique real, já que teriam que imaginar um povo dominado pelo colonialismo exercido pelo país europeu mais pobre e mais provinciano⁵. Teriam também que se imaginar um governo recém-nascido e inexperiente, cometendo vários erros, dispendiosos em dinheiro e também em dignidade humana. Teriam ainda que imaginar a devastação de uma guerra civil fútil e uma Natureza-mãe muitas vezes real que na ignorância e no ambiente frágil, encontra um alvo fácil. Este é um mundo diferente do vosso próprio mundo.

Teresa contou muito bem a história do rapazinho da aldeia que se transformou num homem e finalmente num dirigente da luta contra o colonialismo⁶. O seu objectivo não era só libertar Moçambique de uma potência colonial. Era também o de criar um cidadão moçambicano mais objectivamente consciente da sua aldeia, com conhecimento do seu país e sabendo ser tolerante para com os povos do mundo. Ele acreditava fervorosamente que a educação abria o caminho para a auto-

⁵ Portugal.

⁶ CRUZ E SILVA, Teresa, "The influence of the Swiss Mission on Eduardo Mondlane (1930-1961)", *Journal of religion in Africa*, XXVIII, 2, pp. 187-207, traduzido para português, neste mesmo número de *Estudos Moçambicanos*.

estima e a liberdade. Ele próprio era o resultado do que afirmava a propósito da criança africana:

Pedagogy, if nothing else, dictates that the African child be introduced to the world of thought, of achievement, and conduct which lies ahead of him through the backlog of his own cultural experience [...] Modern Africa needs educated Africans who not only understand, but live in the spirit of their continent.

(A pedagogia, se nada mais for, determina que a criança africana seja introduzida no universo do pensamento, do sucesso e do comportamento que se situa, através dos obstáculos da sua própria experiência cultural [...] A África moderna precisa de africanos educados que não só compreendam o seu continente, mas vivam no espírito dele).

Eduardo era verdadeiramente um cidadão africano do mundo e um dos sonhadores mais pragmáticos do seu tempo – os seus estudos construíram um sonho e ele passou a agir de acordo com esse sonho.

Quando era ainda um estudante “undergraduate” em Oberlin College, mas já um homem de extraordinária experiência e perspicácia escreveu um artigo sobre movimentos sociais e liderança do qual só conservo um fragmento do rascunho, onde ele diz:

While some of the movements ... have effected more or less enduring results in the life of many communities and nations, it is clear that many other have disappeared, leaving almost no traces behind. Yet in all of them the crucial point in their success or failure seems to have been the nature and character of their leadership. It does not matter whether we conceive of leadership in the traditional sense or in the modern sense; it does not matter which theory of leadership to which we subscribe. There is a dire need for the development of a leadership which will enable man to satisfy most of his needs.

If this is not possible, then man's future will always be replete with dangers. Those of us who still possess faith in the possibility of man being able to solve his problems rationally should provide the proper models of action which can be used for the building of a more realistic Utopia. We acknowledge the fact that man's problems are not wholly rational, but a mixture of rational and emotional-rational. Yet with the development of a world community a new kind of leadership is developing which will help to widen the outlook of the average citizen, and synthesise his goals and aspirations in such a way that will include the goals and aspirations of all of humanity.

(Enquanto alguns dos movimentos ... obtiveram resultados mais ou menos duráveis na vida de muitas comunidades e nações, fica claro que muitos outros desapareceram quase sem deixar rastros de si. No entanto, em todos eles, o ponto crucial do sucesso ou falhanço parece ter sido a natureza e o carácter da sua liderança. Não interessa se concebemos a liderança no sentido tradicional ou no sentido moderno; não interessa que teoria da liderança subscrevemos. Há uma urgente necessidade de desenvolver uma liderança que capacite o homem para satisfazer a maior parte das suas necessidades. Se isto não for possível, então o futuro do homem será sempre repleto de perigos. Aqueles de entre nós que ainda possuem alguma fé na possibilidade de o homem ser capaz de resolver racionalmente os seus problemas, deviam garantir a existência de modelos adequados de acção que possam ser usados para construir uma Utopia mais realista. Reconhecemos de facto que nem todos os problemas humanos são racionais e que são muitas vezes uma mistura de racional e emocional-racional. Mas à medida que se desenvolve uma comunidade mundial, desenvolve-se um novo tipo de liderança que contribui para alargar a percepção do cidadão médio e sintetiza os seus objectivos e aspiração de tal maneira que inclui os desejos e aspirações de toda a humanidade).

E assim, este era o sonho de Eduardo Mondlane para o povo de Moçambique e para o mundo. Esta era a sua causa.

O nosso Moçambique não é diferente de muitas sociedades pelo mundo fora onde existem profundas divisões por causa da raça, região, religião ou grupo étnico, bem como grupos sociais como sindicatos e associações criadas para apoiar variadas causas. Não há um consenso sobre como deve agir a sociedade mais alargada; estes grupos dificilmente têm a noção de como se encaixam num quadro mais vasto e alguns interrogam-se sobre se nele têm sequer um lugar. Neste momento, no nosso país, o poder é identificado essencialmente com o acesso à riqueza e lutar por ser rico está acima do resto. Para que a democracia floresça, é absolutamente essencial que se curem as feridas sociais e que ocorra a política de reconciliação. Há problemas éticos que afligem a nossa sociedade a par de uma quase total falta de um código moral comunitário e de responsabilidade cívica.

Do ponto de vista sócio-antropológico existe a preocupação de que Moçambique tenha uma personagem histórica como ponto de referência a partir da qual a procura do caminho para a construção de uma nova moral se possa basear. O legado de Mondlane responde a estas questões. Ele confronta com profundidade áreas de educação (tanto formal como informal), cultura e desenvolvimento de comunidades, sempre com o objectivo de que as pessoas aprendam o respeito mútuo, aprendam a viver juntas, a interagir para benefício mútuo e aprendam como construir as suas sociedade a partir da base.

Para promover este processo, a família Mondlane, juntamente com outras personalidades moçambicanas e internacionais, criou a Fundação Eduardo Mondlane.

As funções principais da Fundação são de três tipos: providenciar um fórum nacional credível no qual se possam

ventilar ideias e pô-las em perspectiva; encorajar activamente a discussão franca e a pesquisa sobre obstáculos como a instabilidade social, a pobreza generalizada e a corrupção, que prejudicam o desenvolvimento da democracia em Moçambique; promover actividades dirigidas à capacitação tanto a nível do estado como da sociedade civil. Para além de encontros e debates, de pesquisa e de elaboração de textos, a Fundação associa-se a grupos similares na região para participar na resolução de conflitos e desenvolvimento da comunidade.

A Fundação presta homenagem à vida e ao pensamento ético de Eduardo Mondlane.

Peter Weiss, um advogado de Nova York e um querido amigo nosso, disse numa cerimónia comemorativa em 11 de Fevereiro de 1969, nesta cidade:

If any of us falter in our dedication to the cause for which Eduardo Mondlane gave his life, if we make the slightest compromise with the oppression which he fought in Mozambique or with the hypocrisy which he discerned so clearly in so many parts of the world, including the United States, we shall be unworthy of his friendship. And just as he, who could have led a comfortable life away from the struggle, went home to engage the enemy, so each of us must engage the enemy or our respective home grounds, where the battle is most difficult and the risks are greatest. There is no other fitting tribute to Eduardo Mondlane, who saw as clearly as any leader of our generation, that the struggle for independence and dignity takes many forms in many countries, but that each victory in that struggle advances the common purpose.

(Se algum de nós falhar na nossa dedicação à causa pela qual Eduardo Mondlane deu a sua vida, se fizermos a mais pequena concessão à opressão contra a qual ele lutou em Moçambique ou para com a hipocrisia que ele tão claramente discerniu em

tantas partes do mundo, incluindo os Estados Unidos, não seremos merecedores da sua amizade. E tal como ele, que poderia ter levado uma vida confortável à margem da luta mas foi para o seu país enfrentar o inimigo, assim cada um de nós deve enfrentar o inimigo no nosso próprio terreno, onde a batalha é mais difícil e os riscos são maiores. Não há outra homenagem à altura de Eduardo Mondlane, que tão claramente como qualquer outro líder da nossa geração, soube ver que a luta pela dignidade e independência assume muitas formas em muitos países mas cada vitória nessa luta faz avançar o objectivo comum).

Houve sempre luta e penso que sempre haverá alguma.

Algumas das pessoas presentes nesta sala foram amigas de Eduardo, mas talvez o maior número seja dos que nunca foram sequer seus conhecidos enquanto ele viveu entre nós. Mas isso não é de modo nenhum importante. O sorriso rasgado e os olhos brilhantes dos que acreditam na humanidade, ou a expressão pensativa do intelectual ou o olhar severo do combatente da liberdade, não pertencem a uma época específica. É aquilo que cada indivíduo faz, sozinho ou como parte de um grupo, em qualquer época, que faz o amigo ou cria o adversário. Num certo sentido, este Programa de Estudos Africanos na Universidade de Northwestern, faz parte do conteúdo dos seus sonhos. Embora Eduardo muitas vezes se sentisse frustrado com o ritual do esforço necessário para atingir o Doutorado, ele amava o meio académico e aspirava vir a ser professor universitário – o que conseguiu ser, embora só por um ano. Mas na sua terra de origem persistia a apatia e um esmagador sentimento de impotência e foi finalmente pelo seu povo e pelo seu país que Eduardo sonhou e morreu.

O que Eduardo mais desejava para si próprio era a vida de um professor. Ele amava o estudante, admirava o professor.

Finalmente, como acontece muitas vezes, aquilo que ele desejava para si e aquilo que a história exigiu dele, foram dois destinos diferentes. Mas quando olho mais cuidadosamente, acho que em última análise ele foi provavelmente um professor, num outro cenário, pondo na prática as lições em vez de discursar sobre elas a partir da secretária de professor.

Há muitas formas de ensinar e muitas maneiras de aprender. Eduardo teve de aceitar o caminho que lhe foi traçado. Como disse o nosso amigo, a luta pela dignidade e independência pode assumir muitas formas, mas cada vitória faz avançar o objectivo comum.